

ÉTICA SEXUAL CRISTÃ E A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE. UMA REFLEXÃO SOBRE A CONDIÇÃO HOMOSSEXUAL NA DISCURSIVIDADE CATÓLICA

Jorge Augusto Candiani Silva é religioso da congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion. Licenciado em filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas de Valparaíso /GO, possui nível 2 em Língua Hebraica pelo Ulpan-Jerusalém e graduado em Teologia PUC-SP. Concluiu o curso de extensão em Sagrada Escritura pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos-SP.

E-mail: j.candiani@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é problematizar, no campo da ética, sobre o fenômeno da homossexualidade em seu âmbito religioso (teologia católica e comportamentos), a partir de uma interpretação que assume os elementos antropológicos, históricos, culturais e existenciais. É muito comum que se façam juízos de valor, no que tange à moralidade sexual, com base em uma visão comportamental binária como, por exemplo, atitudes certas e erradas, permissivas ou não, sem certamente se aprofundarem os sentidos polissêmicos e a complexidade que brotam da realidade da pessoa em sua perspectiva mais profunda. A homossexualidade, dentro e fora do contexto religioso, ainda está marcada por uma perspectiva antropológica dualista, rigorista e com acentuações de caráter doutrinal e normativo, que pouco consideram a realidade e os dramas da pessoa. Do ponto de vista teológico, é urgente e fundamental reintegrar e dialogar, de forma crítica e analítica, a experiência humana mais primitiva e decisiva enquanto uma força vulcânica (sexualidade) com a realidade da fé, verdade interior do sujeito, pois é chamado, mediante uma vida virtuosa, a melhor aprofundar seu mistério pessoal.

Palavras-chave: Ética-teológica, Homossexualidade, Sagradas Escrituras Tradição e Magistério da Igreja.

ABSTRACT

The objective of this article is to problematize, in the field of ethics, the phenomenon of homosexuality in its religious scope (Catholic theology and behaviors) from an interpretation that assumes anthropological, historical, cultural and existential elements. It is very common that value judgments are made, with regard to sexual morality, from a binary behavioral view, such as right and wrong attitudes, permissive or not, without certainly delving into the polysemic meanings and the complexity that spring from the reality of the person in its deepest perspective. Homosexuality, inside and outside the religious context, is still marked by a dualistic, rigorous anthropological perspective, with doctrinal and normative accentuations that take little account of the person's reality and dramas. From the theological point of view, it is urgent and fundamental to reintegrate and dialogue, in a critical and analytical way, the most primitive and decisive human experience as a volcanic force (sexuality) with the reality of faith, the interior reality of the subject, as it is called, through a virtuous life, the better to deepen his personal mystery.

Keywords: Ethics-theology, Homosexuality, Sacred Scriptures Tradition and Magisterium of the Church:

Introdução

O tema da condição homossexual no contexto da tradição cristã católica, do ponto de vista histórico, apresenta-se com inúmeras complexidades e desafios, não sem polêmicas. Nesta pesquisa foi proposto ler e analisar autores que, nas mais amplas narrativas e interpretações, querem apresentar o estado da questão num viés ético teológico, com contributos das ciências humanas. É verdade que o tema da sexualidade, em geral, no horizonte das religiões, nem sempre foi tratado de uma maneira

acolhedora. Nesta pesquisa, a discussão coloca-se na linha de compreender a narratividade católica frente à formação da subjetividade contemporânea.

Para atingir este objetivo de pesquisa, num primeiro momento, foi sugerido a leitura de textos, como suas interpretações, de alguns teólogos que se colocaram como protagonistas e sujeitos, do espinhoso e difícil diálogo entre a construção da subjetividade contemporânea com uma narrativa religiosa católica marcada por uma leitura de textos bíblicos baseados em uma perspectiva veterotestamentária em que a sexualidade é compreendida como uma questão cultural e de tradição “pagã”, em que, o código de santidade (pureza), como exprime Levítico 17-27.

Por fim, para estabelecer um diálogo entre uma visão alargada e aprofundada sobre a sexualidade na sua expressão homoafetiva com a reflexão ético-teológico, analisaram-se autores que de um certo modo contribuem para uma compreensão multidisciplinar do fenômeno em questão.

A visão teológico-magisterial

Partindo dos pressupostos teóricos e metodológicos acima descritos, observar-se-á, então, uma análise, ainda que não exaustiva, dos principais documentos magisteriais católicos recentes que tratam ou se relacionam com o tema da homossexualidade, verificando se a discursividade oficial da Igreja, diante dos avanços das ciências humanas e do fato inegável da realidade concreta das pessoas, tem sido de abertura ao diálogo ou de endurecimento ainda maior de suas sentenças.

Em 1968, o Papa Paulo VI expediu a carta encíclica *Humanae Vitae*, sobre a regulação da natalidade. Embora, no documento, tenha sido sublinhado o significado unitivo do ato sexual, além do fim procriativo, esta última dimensão foi confirmada como absolutamente necessária, condenando-se assim desde o aborto, os métodos contraceptivos artificiais, o autoerotismo (masturbação), o coito interrompido e quaisquer atos sexuais que se deem fora do relacionamento conjugal entre homem e mulher.

Ainda durante o pontificado de Paulo VI, em 1975, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou a declaração *Persona humana*. O texto inicia, acenando à comunidade científica e afirma que “a pessoa humana [...] é tão profundamente afetada pela sexualidade, que esta deve ser considerada como um dos fatores que conferem à

vida de cada um dos indivíduos os traços principais que a distinguem”.¹ Foi, então, que a homossexualidade foi abordada explicitamente por um texto oficial pela primeira vez, e a abordagem elegida foi taxativa, conforme se pode ler:

Certamente, na atividade pastoral estes homossexuais assim não de ser acolhidos com compreensão e apoiados na esperança de superar as próprias dificuldades pessoais e a sua inadaptação social. A sua culpabilidade há de ser julgada com prudência. No entanto, nenhum método pastoral pode ser empregado que, pelo fato de esses atos serem julgados conforme a condição de tais pessoas, lhes venha a conceder uma justificação moral. Segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos destituídos da sua regra essencial e indispensável. Elas são condenadas na Sagrada Escritura como graves depravações e apresentadas aí também como uma consequência triste de uma rejeição de Deus. Este juízo exarado na Escritura Sagrada não permite, porém, concluir que todos aqueles que sofrem de tal anomalia são por isso pessoalmente responsáveis; mas atesta que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados e que eles não podem, em hipótese nenhuma, receber qualquer aprovação.²

Mais à frente, em 1986, sob a responsabilidade de Ratzinger, a mesma Congregação emitiu uma *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*. Com certo cuidado, deixa-se claro o reconhecimento de que as ciências humanas possuem seu próprio método, objeto e legitimidade, não podendo, portanto, a perspectiva moral católica elaborar o assunto à exaustão. É retomada a ideia do documento anterior de distinguir o ato homossexual da inclinação; esta, porém, é aqui definida como “uma tendência, mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por este motivo, a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada”.³

A Congregação para a doutrina da fé se embasa no conceito de “Lei Natural”, ressaltando a complementariedade entre homem e mulher no plano criador, para ratificar a interpretação tradicional de certas passagens bíblicas como Gn 19,1-11; Lv 18,22; 20,13; 1Cor 6,9; Rm 1,18-32 e 1Tm 1,10. Assim, a condenação à

¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Declaração *Persona humana* sobre alguns pontos da ética sexual. n° 5. In: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em 23 de junho de 2021.

² *Ibidem*, n° 8.

³ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*. In: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html. Acesso em 24 de junho de 2021.

homossexualidade aí não se refere apenas à ausência de capacidade procriativa, mas a uma deficiência unitiva:

A atividade homossexual não exprime uma união complementar, capaz de transmitir a vida e, portanto, contradiz a vocação a uma existência vivida naquela forma de autodoação que, segundo o Evangelho, é a essência mesma da vida cristã. Não quer dizer que as pessoas homossexuais não sejam frequentemente generosas e não se doem, mas quando se entregam a uma atividade homossexual, elas reforçam dentro delas mesmas uma inclinação sexual desordenada, caracterizada em si mesma pela autocomplacência.⁴

A “forma de vida” homossexual, no documento, é retratada como uma ameaça de autodestruição da qual a pessoa que sofre deste mal somente poderá ser salva por uma autodoação que provenha do sacrifício e negação de si em união à Cruz.⁵ Isto seria possível graças à liberdade radical do ser humano, pela qual se pode chegar, com a graça de Deus, a uma “conversão do mal” que é a atividade homossexual.⁶ Além disso, o texto encoraja os bispos “a promoverem, nas suas dioceses, uma pastoral para as pessoas homossexuais, plenamente concorde com o ensinamento da Igreja”,⁷ que lhes sirva de ajuda em todos os níveis de sua vida espiritual.

Outro documento importante, ainda que não tenha em si o peso doutrinal de uma declaração papal, mas se proponha, antes, a compendiar o ensino da Igreja e servir de referência para aqueles que lhe transmitem, é o Catecismo da Igreja Católica, publicado em 1992. Sobre o tema da homossexualidade, o texto do Catecismo (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, nº 2331-2333) começa com uma espécie de definição, que Edênio Valle analisa positivamente: “A simples leitura dessa definição já demonstra que os redatores do verbete estavam atentos ao que hoje se discute na medicina, na psicologia e nas ciências sociais sobre a homossexualidade” (VALLE, 2006, p. 166). É notável a preocupação pastoral para com o “número não negligenciável de homens e mulheres [que] apresenta tendências homossexuais profundamente enraizadas” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, nº 2358). Sob o aspecto moral, no entanto, o texto assume basicamente o mesmo posicionamento dos documentos anteriores.

Em 2003, diante das pressões da sociedade e de diversos movimentos em favor da legalização das uniões homossexuais, Ratzinger, ainda prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, expediu suas *Considerações sobre os projetos de*

⁴ Cf. *ibidem*, nº 7.

⁵ Cf. *Ibidem*, nº 12.

⁶ Cf. *Ibidem*, nº 11.

⁷ Cf. *Ibidem*, nº 15.

reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais. Mais uma vez evocando a “Lei natural”, o documento segue e cita a reprovação do Catecismo da Igreja Católica, que declarou que os atos de homossexualidade “não procedem de uma complementariedade afetiva e sexual verdadeira” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 2357). O dicastério realiza, então, em vista de uma proteção da sociedade e do matrimônio, um apelo veemente: “Se todos os fiéis são obrigados a opor-se ao reconhecimento legal das uniões homossexuais, os políticos católicos são de modo especial, na linha da responsabilidade que lhes é própria”.⁸ Valle, sobre esse texto, observa:

A intervenção da Santa Sé provoca especial repulsa por parte de seus críticos por ser interpretada como uma intervenção descabida da Igreja em um tema que é laico e civil. Não cabe a uma Igreja dizer se essa mudança na legislação seria ou não uma exigência da justiça e da ética. Em uma sociedade plural, o injusto e antiético seria tentar impor a opinião de um grupo sobre os demais. (VALLE, 2006, p. 168)

Sendo alvo de inúmeras e duras críticas a publicação “*Lexicon: Termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas*” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, 2013, p. 438), do Pontifício Conselho para a Família, quase concomitante à declaração da Congregação para a Doutrina da Fé. O verbete sobre a homossexualidade, Trevisan afirma que este,

Ostenta um extraordinário compêndio de velhos preconceitos, num raciocínio capcioso que chega à arrogância. Contrapondo-se à Organização Mundial da Saúde, define a prática homossexual como “um conflito psíquico não resolvido”, que “favorece um desvio”, o que a torna “contrária ao vínculo social e aos fundamentos antropológicos”. Assim, desautoriza casais homoafetivos a constituírem família, sob pretexto de se tratar de “atormentados” que sofrem de “impotência ansiogênica”. Numa inversão perversa que torna a sociedade vítima de militantes homossexuais, o documento acusa-os de conspirar para ganhar poder até na ONU e no Parlamento Europeu. E demoniza homossexuais como vilões que minam a moral familiar. Há cinismo, ao esconder que a própria igreja partilha da responsabilidade de criar atormentados/as. Bastaria um mínimo de sensatez para compreender como o seu poder espiritual afeta gravemente a vida de milhões de pessoas, por minar a autoestima e estimular o ódio social aos homossexuais. Ao contrário de sua propalada vocação pastoral, a igreja não se dá conta sequer do sofrimento psíquico que impõe a milhares de

⁸ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*.

In: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homossexual-persons_po.html. Acesso em 26 de junho de 2021, nº 10.

homossexuais católicos/as e à numerosa parcela homossexual do clero. (TREVISAN, 2004, p. A3)

Mais digno de nota é o documento de 2005, já no pontificado de Bento XVI da Congregação para a Educação Católica intitulado *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*. Além de retomar e sintetizar o que fora proclamado nos documentos anteriores e de admoestar ao fato de que as pessoas com “tendências homossexuais profundamente radicadas” devam “ser acolhidas com respeito e delicadeza”, evitando-se, em relação a elas, “qualquer marca de discriminação injusta”,⁹ o texto normatiza:

A Igreja não pode admitir ao Seminário e às Ordens sacras aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente arraigadas ou apoiam a chamada “cultura gay”. Estas pessoas encontram-se, de fato, numa situação que obstaculiza gravemente um correto relacionamento com homens e mulheres. De modo algum, se não de transcurar as consequências negativas que podem derivar da Ordenação de pessoas como tendência homossexual profundamente radicadas. Diversamente, no caso de se tratar de tendências homossexuais que sejam apenas expressão de um problema transitório como, por exemplo, o de uma adolescência ainda não completa, elas devem ser claramente superadas, pelo menos três anos antes da Ordenação diaconal.¹⁰

No trecho acima, há uma abertura para uma compreensão evolutiva e superável da homossexualidade. No entanto, existem lacunas, como aponta Valle:

O que causa estranheza ao psicólogo é que a Instrução julgue que as autoridades eclesiais mencionadas no número 6 como responsáveis (Bispo, Reitor, formadores, diretor espiritual e confessor) tenham condições para fazer um discernimento que é eminentemente psicológico. Poderão estas autoridades discernir entre o que poderia eventualmente ser uma tendência “transitória” e outra, “profundamente radicada”? Não deixa de ser inquietante este silêncio da Instrução quando tudo indica que é cada vez mais indispensável colaboração dos especialistas da área psi e da pedagogia para se fazer uma distinção válida e para encaminhar o tratamento psicoterapêutico que muitas vezes se torna necessário. Autossuficiência eclesial? (VALLE, 2006, p. 168)

⁹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras*, nº 4.in:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html. Acesso em 16 jul. 2021.

¹⁰Ibidem.

No atual pontificado, o de Francisco, por sua vez, houve diversos acenos de empatia do Papa para com as pessoas homossexuais em ocasiões mais informais, como no encontro com os jornalistas durante o voo de regresso de sua viagem ao Brasil, em que ele afirmou: “Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar?”,¹¹ ou em outra conferência de imprensa, também durante um voo, quando assegurou: “Quando chega diante de Jesus uma pessoa que tem esta condição [de homossexualidade], com toda a certeza Jesus não lhe dirá: ‘Vai-te embora porque és homossexual’. Isto não”.¹²

Na primeira declaração de Francisco, destaca-se a escolha da expressão “gay” pelo Papa, ao invés de “pessoa homossexual”, como se preferiu nos textos oficiais. No *Instrumentum Laboris* do Sínodo dos bispos de 2018, por exemplo, apareceu, de modo surpreendente, o termo “LGBT”,¹³ mas não se manteve no documento final: os Padres sinodais, como seria de se esperar, optaram mais uma vez por “pessoas homossexuais”.¹⁴

Com isso, pretende-se afastar o ensino eclesiástico oficial de uma linguagem que teria uma forte carga semântica ideológica: enquanto a “pessoa homossexual” é aquela que tem atração condicional pelo mesmo sexo, “gay” ou “LGBT” seria alguém que faz parte de uma comunidade ativista, com uma cultura e valores próprios. Usar indistintamente a palavra “gay”, sob esta perspectiva, acarretaria nivelar todas as pessoas homossexuais em uma única cultura – a cultura gay. A Igreja, em seus documentos oficiais, deste modo, se dirige não à “comunidade LGBT”, mas a pessoas, tão diversas entre si quantas podem ser contadas, e que, dentre outros tantos aspectos que poderiam ser observados, apresentam também a tendência homossexual.

Por outro lado, quando o Papa, sem temer ser taxado de “ideologizado”, se apropria do termo “gay”, tem como público-alvo de seu discurso não os eclesiásticos, mas justamente aqueles que precisam ser encontrados, acolhidos e integrados; com a sensibilidade de um pastor, ele se utiliza da linguagem das ovelhas, e assim se aproxima de uma comunidade que anseia por reconhecimento e representação.

¹¹ ENCONTRO DO SANTO PADRE COM OS JORNALISTAS DURANTE O VOO DE REGRESSO: Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. 28 de julho de 2013. in: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html>. Acesso em 18 jul. 2021.

¹² CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO SANTO PADRE DURANTE O VOO BAKU-ROMA: Visita apostólica do Papa Francisco à Geórgia e ao Azerbaijão. 2 de outubro de 2016. in: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161002_georgia-azerbaijan-conferenza-stampa.html>. Acesso em 18 jul. 2021.

¹³ Cf. SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*: Instrumentum laboris. in: <https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20180508_instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹⁴ Ibidem.

Deve-se registrar, entretanto, o contexto e a continuidade de ambas as falas do Papa Francisco aqui citadas. A palavra “gay”, no retorno da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, foi empregada em resposta a uma pergunta sobre o *lobby gay* no Vaticano, o qual ele, naturalmente, condena, como tantos outros *lobbies*. E na segunda ocasião, a do retorno da viagem à Geórgia e ao Azerbaijão, logo após sustentar a importância de um acompanhamento evangélico das pessoas homossexuais, o mesmo Pontífice trata como um mal o ensino da teoria do *gender*:

Ora isto é contra as coisas naturais. Uma coisa é que a pessoa tenha esta tendência, esta opção, e há também aqueles que mudam de sexo; e outra coisa é ministrar o ensino nas escolas nesta linha, para mudar a mentalidade. A isto chamo-lhe “colonizações ideológicas”.¹⁵

E, sobre a posição pastoral da Igreja perante os transexuais, o Papa continua:

É um problema de moral. É um problema. É um problema humano. E deve-se resolver como se puder, sempre com a misericórdia de Deus, com a verdade, como dissemos no caso do matrimônio, lendo toda a *Amoris laetitia*, mas sempre assim, sempre com o coração aberto.¹⁶

Valem, portanto, para as pessoas homossexuais, segundo a prática pastoral de Francisco, aqueles princípios elencados na *Amoris Laetitia* como caminho de acolhimento: acompanhar, discernir e integrar. A integração, no entanto, não se dá de modo a chegar a uma realidade análoga ao matrimônio. A exortação apostólica salienta, referindo-se ao relatório final da assembleia do sínodo que a antecedeu, a qual se baseia no já supracitado documento da Congregação para a Doutrina da Fé sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas do mesmo sexo, que “não existe fundamento algum para assimilar ou estabelecer analogias, nem sequer remotas, entre as uniões homossexuais e o desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família”.¹⁷ Em seguida, no mesmo parágrafo, insere-se um trecho do relatório final do sínodo que antecedeu a exortação, afirmando como,

Inaceitável que as Igrejas locais sofram pressões nesta matéria e que os organismos internacionais condicionem a ajuda financeira aos países pobres à introdução de leis que instituem o “matrimônio” entre pessoas do mesmo sexo.¹⁸

¹⁵ CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO SANTO PADRE DURANTE O VOO BAKU-ROMA: Visita apostólica do Papa Francisco à Geórgia e ao Azerbaijão. 2 de outubro de 2016. in: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161002_georgia-azerbaijan-conferenza-stampa.html>. Acesso em 18 jul. 2021.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*, n.º. 251, p. 153.

¹⁸ SÍNODO DOS BISPOS. *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*: Relatório final, in:

Parece significativo que o Papa, sobre essa matéria das uniões civis entre pessoas homossexuais, não se pronuncie na *Amoris Laetitia* com palavras próprias, apenas fazendo constar o que relataram os Padres sinodais. Em sua opinião privada, ele já sinalizou um posicionamento favorável às uniões civis como meio de proteção legal das pessoas, como apontou o jornalista Joshua J. McElwee, reunindo momentos diversos da trajetória de Bergoglio em artigo¹⁹ publicado por *National Catholic Reporter*.

Ainda na *Amoris Laetitia*, Francisco manifesta sua paternal preocupação para com as “famílias que vivem a experiência de ter no seu seio pessoas com tendência homossexual” (FRANCISCO. 2016, p.153). Além de chamar ao acolhimento, reafirmar o respeito à dignidade da pessoa e reprovar toda injusta discriminação, o Papa propõe um acompanhamento de toda a família, “para que quantos manifestam a tendência homossexual possam dispor dos auxílios necessários para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus na sua vida” (FRANCISCO. 2016, p.153).

Diante dessa diretriz pastoral, diversas experiências têm surgido nas Igrejas locais, dentre as quais ganharam destaque alguns “projetos e propostas de bênçãos para uniões de pessoas do mesmo sexo”.²⁰ Tal quadro se tornou um *dubium* – um quesito – diante do qual se manifestou a Congregação para a Doutrina da Fé. Não obstante o reconhecimento que o dicastério dá a que, “não raro, tais projetos são motivados por uma sincera vontade de acolher e acompanhar as pessoas homossexuais”,²¹ a resposta, em si, à questão sobre se “a Igreja dispõe do poder de abençoar as uniões de pessoas do mesmo sexo” é negativa.

O *responsum ad dubium* baseia sua resposta, como esclarece a “nota explicativa” que a sucede, na distinção entre as pessoas e a união; deste modo, “o juízo negativo sobre a bênção de uniões de pessoas do mesmo sexo não implica um juízo sobre as pessoas”.²² Tal resposta,

não exclui que sejam dadas bênçãos a indivíduos com inclinação homossexual, que manifestem a vontade de viver na fidelidade aos desígnios revelados de Deus, assim como propostos pelo

https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assembly_po.html. Acesso em: 19 jul. 2021

¹⁹ *Não é novidade: Papa Francisco defende as uniões civis há anos*. in: <<http://www.ihu.unisinos.br/603959>>. Acesso em 19 ago. 2021.

²⁰ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Responsum a um dubium sobre as bênçãos de uniões de pessoas do mesmo sexo*. in:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20210222_responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em 18 ago. 2021.

²¹ *Ibidem*.

²² CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Responsum a um dubium sobre as bênçãos de uniões de pessoas do mesmo sexo: Artigo de comentário ao responsum ad dubium*. in:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20210222_responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em 18 ago. 2021.

ensinamento eclesial, mas declara ilícita toda forma de bênção que tenda a reconhecer suas uniões.²³

Três são os motivos que fundamentam a declaração de ilicitude emanada no *responsum*. O primeiro motivo diz respeito à verdade e ao valor das bênções enquanto sacramentais, ou seja, ações litúrgicas da Igreja. Os sacramentais “exigem consonância de vida àquilo que eles significam e geram”.²⁴ Segundo o documento, a relação homossexual não está ordenada a receber o bem que se exprime pela ação litúrgica da bênção. Em palavras diretas, Deus “não abençoa nem pode abençoar o pecado”.²⁵

O segundo motivo da negativa à bênção é que a Igreja não tem poder para alterar, mas apenas para interpretar e anunciar os desígnios de Deus e as verdades de vida por eles expressas. E não estão conformes estes “desígnios de Deus inscritos na Criação e plenamente revelados por Cristo Senhor”²⁶ quaisquer “relações, ou mesmo a parcerias estáveis, que implicam uma prática sexual fora do matrimônio (ou seja, fora da união indissolúvel de um homem e uma mulher, aberta por si à transmissão da vida)”.²⁷

Por fim, o terceiro motivo,

É dado pelo erro, a que se poderia ser facilmente induzido, de assimilar a bênção das uniões de pessoas do mesmo sexo àquela das uniões matrimoniais. Pela relação que as bênções dadas às pessoas possuem com os sacramentos, a bênção de tais uniões poderia constituir de certo modo “uma imitação ou uma referência de analogia à bênção nupcial”, concedida ao homem e à mulher que se unem no sacramento do matrimônio, o que seria errôneo e desviante.²⁸

As reações ao documento foram bastante controversas. Na Alemanha, houve até mesmo um levante de padres que fizeram um mutirão de bênção para uniões entre

²³ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Responsum a um dubium sobre as bênções de uniões de pessoas do mesmo sexo*. in:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20210222_responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em 18 ago. 2021.

²⁴ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Responsum a um dubium sobre as bênções de uniões de pessoas do mesmo sexo: Artigo de comentário ao responsum ad dubium*. in:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20210222_responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em 18 ago. 2021.

²⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Responsum a um dubium sobre as bênções de uniões de pessoas do mesmo sexo*. in:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20210222_responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em 18 ago. 2021.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Responsum a um dubium sobre as bênções de uniões de pessoas do mesmo sexo: Artigo de comentário ao responsum ad dubium*. in:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20210222_articulo-responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em 18 ago. 2021.

homossexuais; um grupo de padres austríacos publicou um “Chamado à desobediência”, afirmando categoricamente: “Nós continuaremos a abençoar casais homossexuais”.²⁹ Não faltou também quem colocasse o texto da Congregação em contraste com os princípios da exortação apostólica *Amoris Laetitia*. O jesuíta Luís Corrêa Lima, na linha de diversos analistas, enxergou um distanciamento do Papa Francisco em face da declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, pouco após a sua publicação.³⁰ Os teólogos Andrea Grillo e Cosimo Scordato chegaram a publicar um livro intitulado “Uma mãe não pode abençoar seus filhos? União homoafetiva e fé católica”,³¹ no qual reagem criticamente ao *responsum* e elaboram “uma reflexão sistemática para fornecer um quadro teórico e eclesial que possa justificar, teológica e pastoralmente, a possibilidade de abençoar todos os casais, inclusive aqueles homoafetivos”.³²

Bem diferente é a análise de Cozzoli, para quem não há oposição entre o *Responsum ad dubium* e a *Amoris laetitia*. De acordo com o professor de Teologia Moral da Pontifícia Universidade Lateranense, a resposta negativa do documento não significa uma negação da misericórdia, posto, sobretudo, que ele “não é um juízo pronunciado sobre as pessoas, cuja dignidade é expressamente afirmada em todas as expressões de amor (consideração, acolhimento, delicadeza, respeito) em que ela ganha forma”.³³ Além disso, o teólogo sublinha o nexo indissolúvel entre a misericórdia e a verdade, advertindo que “uma misericórdia condescendente e complacente não é mais uma virtude”.³⁴

O que se verifica, em suma, nos documentos magisteriais aqui revistos que tratam do tema da homossexualidade, é que a doutrina moral permaneceu embasada no princípio da lei natural, e efetivamente, não parece ter avançado ou se alterado. O que apresentou alguns avanços – não lineares, nem constantes, tampouco solidamente permanentes – foi a linguagem pastoral, que se revestiu, por vezes, de uma retórica mais aproximativa.

²⁹ “Um chamado à desobediência”. *Padres austríacos respondem à proibição do Vaticano às bênçãos aos casais homossexuais*. in: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607594-um-chamado-a-desobediencia-padres-austriacos-respondem-a-proibicao-do-vaticano-as-bencaos-aos-casais-homossexuais>>. Acesso em 19 ago. 2021.

³⁰ *Sobre as bênçãos a uniões homossexuais*. in: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/608403-sobre-a-bencao-a-unioes-homossexuais>>. Acesso em 19 ago. 2021.

³¹ *Ibidem*.

³² *Bênçãos das uniões homoafetivas: um pequeno livro*. in: <[ww.ihu.unisinos.br/78-noticias/610902-bencaos-das-unioes-homoafetivas-um-pequeno-livro-artigo-de-andrea-grillo](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/610902-bencaos-das-unioes-homoafetivas-um-pequeno-livro-artigo-de-andrea-grillo)>. Acesso em 19 ago. 2021.

³³ COZZOLI, Mauro. “Responsum ad dubium” e *Amoris laetitia*: uma oposição? in: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/608871-responsum-ad-dubium-e-amoris-laetitia-uma-oposicao>>. Acesso em 19 ago. 2021.

³⁴ *Ibidem*.

Discussão teológica, bíblica e moral

No Primeiro Testamento, a principal passagem utilizada para recriminar as práticas homossexuais está centralizada de forma específica no livro de Gênesis, onde se relata a história de Sodoma e Gomorra (Gn 19, 1-11. 24-29), onde se correlaciona a destruição de Sodoma e Gomorra às práticas homossexuais, atribuindo o termo sodomitas.

Os homens de Sodoma queriam conhecer *נַעֲדָה* (*venedah*) os convidados. Essa palavra hebraica, deriva-se da raiz *נָדָה* (*yadah*) que pode significar, em algumas ocasiões “manter relações sexuais com”. No Segundo Testamento, o grego também conserva ocorrências dessa forma de expressão, como por exemplo: “Como se fará isso, pois não conheço (*guinōskō*) homem?” (Lc 1,34) (BEREZIN, 2003, p. 356). Portanto, em ambos os casos mencionados, entende-se o verbo conhecer com um sentido sexual. Na passagem de Sodoma, uma das hipóteses é de que os homens queriam ter relações sexuais com os visitantes. Por outro lado, muitos pesquisadores contestam essa interpretação. Helminiak presume que, por ser um estrangeiro, os habitantes da cidade não teriam visto com bons olhos o acolhimento que dera àqueles estranhos (HELMINIAK, 1998. p.41).

Vidal também critica essas interpretações acerca da homossexualidade e afirma que elas não são óbvias e que devem ser submetidas a uma revisão a partir de análises minuciosas de seus significados. Nos textos bíblicos que aludem a Sodoma e Gomorra, não existem menções claras as questões homossexuais (VIDAL, 2008, p.120).

Existem, de acordo com Vidal, no Primeiro Testamento apenas dois textos que falam sobre a prática da homossexualidade enquanto pecado: “Não te deitarás com um homem como se deita como uma mulher, isto é uma abominação” (Lv 18,22); “Quando um homem se deita com um homem como se deita com mulher, ambos cometem uma abominação. São réus de morte e o sangue recai sobre eles” (Lv 20,13) (VIDAL, 2008, p.120).

Segundo McNeill, Levítico não é apenas um código ritual, mas também moral: quanto mais marcada, mais grave era a sanção que prescrevia. McNeill observou que em Levítico os atos homossexuais eram repudiados apenas nas relações entre homens, mas não entre mulheres. O autor vai enfatizar também a questão da fertilidade familiar, a qual ganha destaque na Tradição Judaica como uma verdadeira bênção de Deus, enquanto as práticas homossexuais são estéreis. McNeill conclui que os únicos atos homossexuais claramente condenados na Sagrada Escritura são aqueles que envolvem idolatria, libertinagem, ódio ou desprezo pelo homem. Todavia, atos que expressam amor verdadeiro um pelo outro nunca são condenados (MCNEILL, 1976, p. 36).

No tocante ao Novo Testamento, Vidal analisa além do texto de Judas v.7, que faz referência à prostituição entre homens, e o de 2Pd 2,6-10, que fala sobre a libertinagem no geral. Outras passagens estão direcionadas às fornicações dos fiéis, que não estão necessariamente ligadas às questões homossexuais.

Compreende-se então, que as passagens bíblicas que fazem clara alusão à homossexualidade enquanto prática pecaminosa e não aceitável no domínio religioso são pouquíssimas e controversas. Acentua-se também que a ênfase está na prática homossexual, e não no indivíduo em si, desconsiderando-se a subjetividade humana.

Torna-se necessário, como destacam os teólogos Salzman e Lawler, observar que as Escrituras partem de uma tradição interpretativa (SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 34), por isso recomendam um estudo bíblico através de um “processo interpretativo histórico” para compreender não apenas no que baseia a tradição moral católica sobre sexualidade, mas também a maneira e o motivo pelo qual essa tradição surgiu. Segundo Lawler, quando os documentos da Igreja se referem à homossexualidade, são embasados somente na Tradição e nas Escrituras; contudo, a experiência também deveria ser levada em conta ao se interpretar a homossexualidade. Para Lawler e Salzman “a experiência é fundacional e até mesmo primordial” (SALZMAN; LAWLER, 2012, p. 319).

Considerações finais

Conforme Farley, a sexualidade não pode ser limitada ao genital, mas deve abranger: os desejos, os sentimentos, a afetividade, as emoções e os relacionamentos sociais. A sexualidade apresenta faculdades físicas, psicológicas, emocionais, intelectuais, espirituais e sociais. Com isso, a experiência do ato sexo não pode ser limitada por preconceitos desenvolvidos culturalmente, pois a relação sexual envolve “amor, desejo, diálogo, comunicação e abertura ao outro na intimidade dos seus corpos e à sua transcendência mais profunda direcionada a um encontro com Deus” (FARLEY, 2008, p. 173).

Para Salzman & Lawler, os “homossexuais não escolhem a sua condição ou orientação; ela é o resultado de fatores psicológicos (naturais) ou sociais (de criação) ou mais provavelmente de uma combinação de ambos” (SALZMAN & LAWLER, 2012, p. 197). Portanto, os autores propõem uma revisitação da homossexualidade, afirmando que a orientação homossexual não é diferente da orientação heterossexual; para eles,

A orientação sexual não é escolhida, nem pode ser prontamente modificada; ela simplesmente é. Por isso, ela não é em si mesma nem moral, nem imoral, nem mesmo pré-

moral. Os atos sexuais que dela derivam, no entanto, podem ser morais ou imorais. (SALZMAN & LAWLER, 2012. p. 321.)

Vidal reconhece que a orientação homossexual não traz em si “nenhum traço de patologia somática ou psíquica” (VIDAL, 1978, p. 110.). Ele entende a homossexualidade em um sentido integral do ser humano; não se trata, assim, de um mero “fenômeno sexual”, mas de uma condição antropológica de um ser pessoal. O teólogo de moral sexual afirma: “O homossexual é, antes de tudo, um ser humano com uma condição e um destino perfeitamente humano, humanizante e humanizável” (VIDAL, 2008, p. 109). Portanto, a homossexualidade não pode ser reduzida a “enfermidade”, nem como simples “variante” da sexualidade, como foi considerado em décadas passadas. Essa condição deve ser considerada tão normal quanto a heterossexualidade. Abordar a condição homoafetiva como doença não é mais admissível desde 17 de maio de 1990, quando a assembleia geral da Organização Mundial de Saúde aprovou a sua retirada da Classificação Internacional de Doenças; contudo, a questão ainda causa ojeriza quando tratada como uma condição “natural”.

Referências

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Paulus, 2010.

BEREZIN, Jaffa Rifka. **Dicionário Hebraico-Português**. São Paulo: EDUSP, 2003.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, nº 2331-2333, sobre **sexualidade**. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.

FARLEY, M. **Just love: A framework for Christian sexual ethics**, “Uma estrutura para a ética sexual cristã”. London: Bloomsbury, 2008.

HELMINIÁK, Daniel. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: Edições GLS, 1998.

MCNEILL, John J. **The Church and the Homosexual**. *Kansas City: Sheed, Andrews & Mc-Meel*, 1976, p. 36.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA. **Lexicon**: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas. Brasília: CNBB, 2013.

SALZMAN, Todd A. & LAWLER, Michael G. **A Pessoa Sexual**. Por uma antropologia católica renovada. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

TREVISAN, João Silvério. **A igreja e a homofobia**. In: *Folha de São Paulo*, 28/07/2004, p. A3.

VALLE, Edênio A Igreja católica ante a homossexualidade: ênfases e deslocamentos de posições. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, Nº 1: 153-185. 2006

VIDAL, Marciano. **Sexualidade e Condição Homossexual na Moral Cristã**. Aparecida: Santuário, 2008.

SITES

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais**. in: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homossexual-persons_po.html. Acesso em: 25 jun. 2011.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Declaração Persona Humana sobre alguns pontos de ética sexual**. in: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 25 jun. 2020.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Responsum a um dubium sobre as bênçãos de uniões de pessoas do mesmo sexo**. in: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20210222_responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em 18 ago. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Responsum a um dubium sobre as bênçãos de uniões de pessoas do mesmo sexo: Artigo de comentário ao responsum ad dubium**. in: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20210222_responsum-dubium-unioni_po.html. Acesso em 18 ago. 2021.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras**, nº 4. in: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_po.html. Acesso em 16 jul. 2021.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO SANTO PADRE DURANTE O VOO BAKU-ROMA: **Visita apostólica do Papa Francisco à Geórgia e ao Azerbaijão**. 2 de outubro de 2016. in: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161002_georgia-azerbaijan-conferenza-stampa.html. Acesso em 18 jul. 2021.

COZZOLI, Mauro. **Responsum ad dubium e Amoris laetitia: uma oposição?** in: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/608871-responsum-ad-dubium-e-amoris-laetitia-uma-oposicao>. Acesso em 19 ago. 2021.

ENCONTRO DO SANTO PADRE COM OS JORNALISTAS DURANTE O VOO DE REGRESSO: **Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude**. 28 de julho de 2013. in: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html. Acesso em 18 jul. 2021.

SÍNODO DOS BISPOS. **A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo**: Relatório final, in: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/docume

nts/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html. Acesso em: 19 jul. 2021.

SÍNODO DOS BISPOS. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional:** Instrumentum laboris. in:https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20180508_instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html. Acesso em: 20 jul. 2021.